

90 anos do “pai” da *Teologia Popular*

«Que o Deus do Evangelho dos Pobres,
ao que dedicaste toda a vida, te siga bendizendo!»



O reencontro de Francisco e J. María Castillo

longa vida e fecundo labor,
amigo José María Castillo

90 que hoje celebra o meu amigo, o teólogo **JOSÉ MARÍA CASTILLO**, são como noventa sóis. Uma boa ocasião para reconhecer o seu trabalho sem preço, de tantos anos, em prol da reflexão teológica e do ‘santo povo de Deus’.

Como jornalista e diretor de *Religión Digital* conheci dezenas de teólogos espanhóis e estrangeiros. Mas a poucos me liguei tão profundamente como a Castillo. Tanto a nível pessoal como profissional. Porque **Pepe é uma pessoa especial, que atrai a nossa atenção e que se torna querido.**

Um homem que conjuga as suas humildes origens, em Puebla de Don Fradique, com um brilhante percurso eclesial e, sobretudo, teológico, **modelado pelo seu ser e fazer jesuítico.**

Um percurso longo e difícil, que lhe permitiu ser **memória viva da Igreja espanhola do pós-concílio**, um período que viveu profundamente na própria Roma, como perito do cardeal Tarancón. Ali se cruzou com os grandes teólogos da Europa central de então, e ajudou a hierarquia espanhola mais aberta, a desmontar a sua teologia pré-conciliar, e a acomodar as suas tarefas pastorais aos novos ventos conciliares.

Essa mesma hierarquia que, nos anos oitenta, quando os ares de Roma se alteram e o Concílio é congelado devido à involução, retira a Castillo (e a muitos outros, como Juan Antonio Estrada ou Benjamín Forcano) a *venia docendi*, **destituindo-o de professor da Faculdade de Teologia de Granada.** Sem julgamento, sem possibilidade de defesa, sem que ninguém lhe tenha dito nunca qual o motivo exato da sua destituição.

Vítima de represálias e marginalizado oficialmente, Castillo prossegue pela brecha que a teologia lhe oferece. A investigação não lhe podem proibir, e a docência que lhe proibem em Espanha, é-lhe concedida na **Universidade Centro-americana de São Salvador**, junto do seu amigo e companheiro

Ignacio Ellacuría, e em contacto com os pobres da América Latina. A Companhia de Jesus, na altura sob a mira da Cúria romana, manobra com a sua clássica astúcia, e esquiva-se à proibição de Castillo ensinar em Espanha, transferindo-o para a América central.



José María Castillo o Pe. Julio Millán

Finalmente, passados alguns anos, a retidão moral de Castillo não lhe permite continuar a praticar um jogo duplo. Tem consciência de que a sua Companhia nada mais pode fazer no seu confronto com Roma, e apercebe-se de que os seus livros, palestras, conferências e entrevistas podem ser utilizadas pelos seus inimigos para ataques aos jesuítas (que, com Arrupe à cabeça, vinham suportando o seu particular calvário romano). De facto, em 1980, Castillo é afastado da docência e, em 1981, o Prepósito Geral **Pedro Arrupe** sofre uma trombose e, poucos dias

depois, João Paulo II intervêm na Companhia de Jesus, nomeando interventor da mesma o padre Paolo Dezza

Eram tempos de inverno eclesialístico, e Castillo decide sair da Companhia fisicamente, sem nunca deixar de pertencer-lhe afetiva e realmente. Mais um jesuíta sem papéis, na esteira de José María Díez Alegria.

O teólogo fica sem o amparo da sua congregação, mas, ao fim e a ao cabo, pode voar totalmente livre, acompanhado pelos seus inúmeros seguidores e, além disso, com a sorte de ter encontrado **Margarida**, a mulher que, a partir de então, passou a partilhar a sua vida, a ensiná-lo a amar em concreto, a cuidar dele e a mimá-lo, a fim de poder continuar a voar.

Que é um grande teólogo, ninguém duvida. Tem obra feita e obra consolidada. Será, talvez, um dos melhores especialistas mundiais em sacramentos. Mas, a meu ver, a sua maior virtude é a de não se ter limitado, como muitos dos seus companheiros, a ser um mero teólogo de gabinete.



José María Castillo é, desde sempre, o teólogo do povo, a referência das Comunidades Cristãs Populares que se alimentaram dos seus livros, das suas palestras e conferências. Quem não utilizou, a partir dos anos sessenta, os seus famosos **“Cadernos de Teologia Popular”**? Esses caderninhos fotocopiados ou passados a estêncil que, em três ou quatro páginas, resumiam os conceitos teológicos mais complicados? Com umas questões no fim que a ninguém deixavam

indiferente, e que faziam com que a doutrina teológica descesse ao chão da nossa vida, e com uns pequenos desenhos, manifestamente passíveis de aperfeiçoamento, mas que nos interpelavam.



Tenho um dia de lhe perguntar quem é que lhe fazia aqueles desenhos, que eram utilizados tanto por padres como por leigos, e que tanto serviam para dar aulas na Universidade, como para a catequese paroquial.

Porque **essa foi sempre a grande virtude de Castilho: saber divulgar. Saber colocar os grandes conceitos teológicos ao alcance das pessoas mais simples. Um dom e uma virtude ao alcance, apenas, dos mais sábios e dos maiores.** Desses pássaros livres que sabem tanto e voam tão livres e

tão alto, que são capazes de entregar a comida teológica já mastigada aos seus filhotes, tanto aos mais pequenos como aos mais crescidos.

E, com os seus noventa anos, ele lá continua sem se desviar um ápice da sua trajetória, a escrever um artigo semanal, pelo menos, no seu blogue de *Religión Digital*. **Artigos curtos, claros e cheios de substância. Que partem da vida e se destinam à vida.** E que, precisamente por isso, nos surgem sempre conectados com a atualidade.



É um luxo tê-lo connosco e alimentarmo-nos, semanalmente, da sua sabedoria enraizada na vida do dia a dia, nos sinais dos tempos, nas reformas de Francisco e na cultura atual.

Um teólogo, um profeta, uma parteira de primaveras e um articulista consumado, senhor duma escrita fácil e de divulgação, (dos poucos teólogos capazes de algo deste género) possuindo, além disso, veia de jornalista, para procurar os sustentáculos da atualidade e a eles se cingir. E é um doce de pessoa. Atirado para as margens durante muitos anos, pode hoje gabar-se (embora o não faça) de ter recebido telefonemas e cartas do próprio papa. “Perdi-te nos anos oitenta e, agora, volto a encontrar-te”, disse-lhe ele em dada ocasião.

Tive, além disso, a oportunidade de estar a seu lado o ano passado, quando o papa nos recebeu em Santa Marta, e de **testemunhar, diretamente, a completa reabilitação da sua pessoa e da sua obra.** **“Leio com muito gosto os seus livros que fazem**

muito bem às pessoas”.

Com esta frase, Francisco “abençoou” o teólogo espanhol, no Vaticano, o local em que, faz agora precisamente vinte anos, lhe retiraram a *venia docendi*.

Castillo, emocionado até às lágrimas, agradeceu o gesto do papa, ao mesmo tempo que entregava a Francisco duas das suas últimas obras: *La humanización de Dios* e *La humanidad de Jesús* (Trotta).

Assistimos, primeiro, à **missa, em Santa Marta.** Simples, austera, autêntica. É a sua missa, a que Francisco celebra com unção e intimismo. Como que sussurrando. Como um pároco a celebrar na sua capelinha.

Éramos umas trinta pessoas. Um bispo italiano acompanhado de oito dos seus padres. Outro par de sacerdotes, entre eles o pároco de Santo Estevão de Sevilha, o secretário do papa padre **Yoannis**, e cerca de vinte fiéis de diversos países e procedências.

Com a sua habitual capacidade de sedução e didática, Francisco, em cerca de cinco minutos, apresentou-nos, na

homilia, um tratado sobre a forma de evangelizar hoje em dia. Com a ajuda do Espírito e três verbos: **erguer-se, aproximar-se e basear-se nas perguntas das pessoas**. Três atitudes necessárias da evangelização, mas que, sem nos colocarmos nas mãos do Espírito, de nada nos servirão. Três atitudes que o teólogo Castillo sempre incarnou.

Após a missa, o papa sentou-se numa cadeira no meio de nós, e esteve em ação de graças durante um bom bocado. Depois, como um simples pároco, dirigiu-se para a saída da capela, e fez questão de saudar os assistentes um a um.

O papa tem grande apreço por José María Castillo e, de facto, durante estes seus anos de pontificado, dirigiu-lhe, primeiro, uma carta e, depois, contactou-o por telefone. Naquele dia 18 de abril do ano passado, tiveram ocasião de se encontrar frente a frente, saudaram-se efusivamente, e o teólogo disse ao papa: **“Santidade, somos dois jesuítas sem papéis”**.

O papa sorriu e agradeceu a ocorrência. E, olhos nos olhos, recebeu os seus livros e “abençooou” a sua teologia: **“Leio com muito gosto os seus livros que fazem muito bem às pessoas”**, disse Francisco a Castillo.

Mais tarde, José María explicava: “Da Companhia sai-se por cima, como é o caso do papa, ou por baixo, como é o meu caso, mas em qualquer das situações somos e seremos sempre jesuítas... mas agora sem papéis.

E o papa lá foi tomar o pequeno-almoço, enquanto Castillo, a sua mulher Margarida e eu nos cingíamos num abraço, não sem antes agradecermos ao padre Yoannis que possibilitou este nosso encontro com Francisco.

Ao sair de Santa Marta, na esplanada que dá para as traseiras da Basílica de São Pedro, Castillo, ainda

emocionado, dizia:

“Temos de aproveitar este papa, pois é uma bênção de Deus para a Igreja, e apoiá-lo com todo o nosso ser. Porque, ao fazê-lo, estamos a apoiar a Igreja do Vaticano II e, o que ainda é mais importante, o Reino de Deus”.

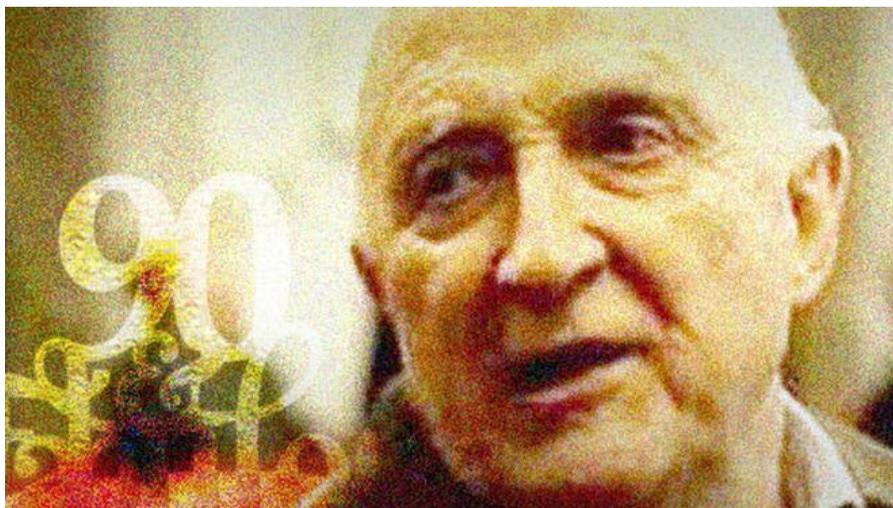


É o que estamos a fazer mestre. E continuaremos a fazê-lo. Remando juntamente com Francisco, com a sua primavera e, sobretudo, com o Evangelho dos pobres, a quem dedicaste toda a tua vida. E a que te falta ainda viver. Que Deus te abençoe e proteja, amigo!

José M. Vidal

https://www.religiondigital.org/rumores_de_angeles/Larga-fecunda-Jose-Maria-Castillo-iglesia-

Agradecimento público de um jesuíta
a JOSÉ MARÍA CASTILLO,
aquando da celebração dos seus
noventa anos. Parabéns Pepe.
E infinitas graças a Deus por seres
quem és.



Este é um pequeno apontamento, em que exprimo o que de mais importante me vem à cabeça e ao coração. Que pelo menos haja um jesuíta que tenha uma palavra pública de agradecimento para com ele que tanto trabalhou em prol da Companhia e da Igreja.

Agradeço a Pepe o papel que desempenhou na minha vocação.

Agradeço as três constantes do seu pensamento teológico: o **seguimento de Jesus** como chave mestra, a **Liberdade** como fruto da ação do Espírito nos seguidores de Jesus, e a **desclerização** da Igreja, como caminho indispensável para uma autêntica reforma dessa mesma Igreja.

E felicito-o por aquelas palavras do papa que lhe encheram o coração

de paz e alegria.

Hoje, 16 de agosto, o bem conhecido teólogo granadino **JOSÉ MARÍA CASTILLO** celebrará noventa anos de idade. Conheço Pepe Castillo desde a minha entrada para os jesuítas, no ano de 1964. Era ele, então, o “padre espiritual” dos juniores – segundo a terminologia usada à época – dos jesuítas da Andaluzia e Canárias.

Logo após o Noviciado, nós os “juniores” tínhamos dois anos de estudos humanísticos. Desde então até hoje, muitas vicissitudes históricas me uniram a ele e a muitos outros, numa **sólida amizade**. Amizade esta que foi fortalecida pela prova de uma mútua solidariedade, revelada em situações delicadas, ocasião em que se revela o alcance da verdadeira amizade.

Bem sei que, quando se trata de avaliar um companheiro querido, o amigo pode ser parcial. Mas também sei que o verdadeiro amigo está presente e não falha nas ocasiões especiais e significativa da vida, sejam elas alegres ou tristes. **Os noventa anos** é uma dessas ocasiões. E neste caso e nas atuais circunstâncias, um acontecimento muito alegre.

Quero conferir a este **agradecimento** um caráter de alguma maneira público. Sou levado a isso, por dois motivos principais entre outros:

a) **A pessoa e a influência** de Pepe foram de dimensão pública... muito pública mesmo. E não isenta de conflitos que foram alvo de apreciações diversas por parte duns e doutros. Não vou expressar a minha opinião sobre eles neste apontamento, como aliás já tive ocasião de o fazer noutras circunstâncias, por razões que não vêm agora ao caso. Entre elas, a perspectiva positiva que pretendo dar a esta minha carta de reconhecimento e agradecimento.

b) Emocionou-me a sua recente **comunicação escrita**, também com caráter público, de agradecimento à Companhia e, em especial, à Faculdade de Teologia de Granada, local onde

teve origem o conflito eclesial, sobejamente conhecido, que afetou Pepe dum modo especial.

Pepe Castillo, **nesta sua carta de gratidão**, com grande elegância e delicadeza, nem sequer refere o conflito que tanto condicionou a sua vida. Pelo contrário, desfaz-se em elogios ao papel da Companhia de Jesus, ao papel desempenhado pela Faculdade de Granada e ao seu significado para a Igreja. Essa comunicação escrita só o engrandece.

Que pelo menos, porém, algum jesuíta profira uma palavra pública de agradecimento para com alguém que tanto trabalhou, tanto na Companhia como na Igreja. O mínimo será felicitá-lo publicamente por ocasião dos seus noventa anos, pelo imenso trabalho desenvolvido, do qual muitos de nós, entre os quais eu próprio, muito beneficiámos.

Quero, ainda, **concretizar** um pouco mais alguns dos motivos pelos quais agradeço a sua contribuição

teológica e cristã na minha vida. Não me alongarei, pelo facto de se tratar de um breve **apontamento em que exprimo o que de mais importante** me vem à cabeça e ao coração.

Agradeço a Pepe o enorme papel desempenhado na minha vocação e na minha permanência na Igreja e na Companhia de Jesus. Tanto quando era jesuíta, como agora que já o não é, embora continue a ser sacerdote não incardinado numa diocese. O seu acompanhamento espiritual na minha vida, e penso que na de muitos outros que foram ou continuam a ser jesuítas e/ou crentes, foi sempre um fator determinante a favor da permanência tanto na Companhia como na Igreja.

Estou convencido (talvez ao contrário do que muitos outros legitimamente creem) que Pepe não teve, na altura, nem tem agora, um papel ou uma influência favorável a uma crise de pertença tanto à Companhia como à Igreja. Pelo contrário, em momentos de forte evolução e crise na Igreja e na Companhia, **Pepe foi um dos que mais argumentos válidos** davam, tendo em conta a nossa forma de pensar e motivando-nos a permanecer, duma forma

adulta e coerente, na Companhia e na Igreja.

Agradeço, também, **três constantes do seu pensamento**

a que frequentemente recorre: a) O **seguimento de Jesus** como chave mestra interpretativa da teologia e da espiritualidade cristã. b) A **Liberdade** enquanto fruto da ação do Espírito nos seguidores de Jesus. c) A **desclericalização** da Igreja (especialmente o seu poder de decisão), como caminho indispensável para uma autêntica reforma dessa mesma Igreja.

Estas três constantes são características essenciais da nossa maturação humana, espiritual e eclesial.



ESTEBAN VELÁZQUEZ GUERRA, S.J

https://www.religiondigital.org/cultura/Jose-Maria-Castillo-cumpleanos_0_2148985104.html (16.08.2019)